

Resumo

Este texto apresenta reflexões sobre a integração das tecnologias digitais à prática pedagógica com estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais. Com o objetivo de analisar as contribuições do *WhatsApp* à prática pedagógica para promoção de leituraescrita no espaço digital, os 13 estudantes do 5º ano, que dispunham de aparelho celular, foram convidados a participar de um grupo no *WhatsApp*, na perspectiva de refletir e construir argumentos orais e/ou escritos sobre aspectos socioeconômicos e educacionais da localidade. A pesquisa netnográfica, de natureza qualitativo-colaborativa, toma como mote para discussão e reflexão a seguinte questão: quais as contribuições do *WhatsApp* à prática pedagógica para promoção da leituraescrita no espaço digital? A pesquisa conecta as (con)vivências do campo empírico com a concepção de autores que discutem letramentos, multiletramentos, integração das tecnologias digitais e *WhatsApp* à prática pedagógica. O estudo leva à compreensão de que a integração das tecnologias digitais ao fazer docente contribui para produção de práticas sociais de leituraescrita tecidas por múltiplas linguagens, e o *WhatsApp* se constitui como espaço digital que favorece a produção colaborativa, contribuindo para interseccionar as vivências do mundo digital com a realidade escolar.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. WhatsApp. Letramentos. Multiletramentos.

Abstract

This text presents reflections on the integration of digital technologies into the pedagogical practice with elementary school students – early years. With the objective of analyzing the contributions of *WhatsApp* to the pedagogical practice to promote reading and writing in the digital space, the 13 students of the 5th year, who had a cell phone, were invited to participate in a group on *WhatsApp*, with a view to reflecting and building arguments oral and/or written about socioeconomic and educational aspects of the locality. The netnographic research, of a qualitative-collaborative nature, takes as a motto for discussion and reflection the following question: what are the contributions of *WhatsApp* to pedagogical practice to promote reading and writing in the digital space? The research connects the (co)experiences of the empirical field with the conception of authors who discuss literacies, multiliteracies, integration of digital technologies and *WhatsApp* to pedagogical practice. The study leads to the understanding that the integration of digital technologies in teaching contributes to the production of social practices of reading and writing woven by multiple languages, and *WhatsApp* is constituted as a digital space that favors collaborative production, contributing to the intersection of experiences in the digital world with the school reality.

Keywords: Digital technologies. WhatsApp. Literacies. Multiliterations.

¹ Doutorando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Pedagogia pela Faculdade do Sertão Baiano (FASB). Membro dos grupos de pesquisa *Lingua(gem)* e *Crítica Cultural* e Grupo de Estudo e Pesquisa em (Multi)letramentos, Educação e Tecnologias (GEPLET). Professor da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Monte Santo-BA. E-mail: sydy.oliveira10@gmail.com

Considerações iniciais

As reflexões tecidas neste texto são oriundas de um estudo realizado com estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais de uma escola da rede pública de ensino de Monte Santo-BA. Ao analisar as contribuições do *WhatsApp* à prática pedagógica para promoção de leitura escrita² no espaço digital é preciso entender que alfabetizar-letrando na cultura digital é um processo permeado por novas práticas discursivas, e a leitura e a escrita se transformam em leitura escrita devido à sincronia desses processos ao escrever no teclado e ler na tela.

Trazer para o centro da discussão a integração das tecnologias digitais (TD) à ação docente demanda pensar sobre a ressignificação da prática pedagógica; ao mesmo tempo em que possibilita entender que a formação de cidadãos proficientes em leitura e escrita ganha novos contornos com a transformação dos textos impressos devido às mudanças provocadas pelas tecnologias digitais (ROJO; MOURA, 2019). Com efeito, a escola não pode abster-se de reconfigurar e potencializar suas práticas com as propiciações das tecnologias digitais.

Pensar em um processo formativo que aglutine leitura escrita nas mídias digitais exige reinventar as práticas pedagógicas e o fazer docente, sem desconsiderar que o ensino da língua escrita ainda é um grande desafio ao sistema educacional brasileiro. Em uma breve análise nos dados do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF), é possível perceber que 29% dos jovens e adultos de 15 a 64 anos do país “têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas” (INAF, 2018, p. 8). Logo, é urgente que as redes de ensino e as escolas arregimentem forças para modificar essa realidade educacional.

Ao discutir a formação de *lautores* proficientes (cf. ROJO, 2013) na sociedade atual, é necessário (re)pensar em práticas pedagógicas que coadunem a aprendizagem escolar com as situações cotidianas dos estudantes. Com efeito, essas práticas de leitura escrita precisam ser alicerçadas nos letramentos situados que circundam o mundo de vida dos estudantes, com vistas a superar a perspectiva de ensino cujas práticas discursivas trabalhadas na escola não dialogam com o contexto sociocultural dos estudantes.

² A simultaneidade dos processos de leitura e de escrita realizados nas mídias digitais provoca pensar em uma terminologia que aglutine esses processos. Por isso, emprego o termo *leitura escrita* neste manuscrito.

Por fazerem parte da vida cotidiana de muitos estudantes, as tecnologias digitais têm potencial para ressignificar os modos de ensinar e aprender. Ao reconhecer que “[...] se faz imprescindível levar à sala de aula discussões envolvendo as produções com as quais os jovens já têm contato fora do ambiente institucional de ensino” (LIMA; DE GRANDE, 2013, p. 46), a escola precisa utilizar as TD para alfabetizar-letRANDo. Mais que isso: a integração dos artefatos digitais nos processos de ensino e de aprendizagem pode favorecer o trabalho com a diversidade de informações e contribuir para a valorização da multiplicidade cultural da população e a multiplicidade de multisseMIoses que constituem os textos.

É notório que muitos estudantes têm aparelho celular e estão conectados às redes sociais, mas a escola ainda não tem explorado o potencial pedagógico desses artefatos. Mesmo com a expansão das TD, que facilita acesso às informações, permite a conexão com outras pessoas e possibilita novas formas de ler e escrever, a escola, principal agência de letramento (KLEIMAN, 1995), ainda luta para se reestruturar frente a tais mudanças. Ainda há escolas e redes de ensino que proíbem o uso do celular no ambiente escolar, indo de encontro a uma pedagogia que contempla diversidade cultural e de linguagem presente na instituição de ensino: a Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012b).

O trabalho pedagógico com a Pedagogia dos Multiletramentos volta-se para os estudos que valorizam e reconhecem diversidade cultural dos estudantes e a multiplicidade semiótica na constituição dos textos veiculados em diversos meios, exigindo da instituição escolar um “enfoque crítico, pluralista, ético e democrático na direção de outros letramentos” (ROJO, 2012a, p. 8) durante os processos de ensino e de aprendizagem. Assim, o uso do celular e seus aplicativos podem propiciar ações de leituraescrita e circulação de textos multisseMIóticos, possibilitando que o ensino dialogue com a realidade discursiva e cultural dos estudantes.

A partir das inquietudes sobre a necessidade de ressignificar a prática pedagógica na era digital (PÉREZ GÓMEZ, 2015), surgiu a ideia de explorar o potencial das tecnologias digitais; de entremear o celular com o *WhatsApp*, aplicativo que potencializa novas formas de interação-comunicação e leituraescrita, envolvendo os “[...] alunos na construção colaborativa de conhecimento em rede-grupo-movimento – transformando momentos e espaços informais e não formal em oportunidades de aprendizagem formal” (ALVES; PORTO, 2019, p. 66). De fato, no cenário atual, é primordial que a escola explore as múltiplas possibilidades de leituraescrita e construção de sentidos que as tecnologias digitais possibilitam; que possa abrir-se para o mundo das TD e inseri-las em seus processos pedagógicos.

Decerto que as mudanças metodológicas não decorrem da existência das tecnologias no ambiente escolar, e sim das formas como são utilizadas no fazer docente; mas, integrar as TD à prática pedagógica pode se configurar como nova possibilidade de ensinar-aprender, pois, “em vez de exibir conteúdos, pode propor oportunidades de aprendizagem e estabelecer conexões com os alunos por intermédio de aplicativos e *sites* de redes sociais digitais – de forma mais participativa e engajada” (ALVES; PORTO, 2019, p. 69). A escola precisa despertar-se para essa nova realidade e, ao invés de proibir o uso de celulares no ambiente escolar, é mais perspicaz criar situações didático-pedagógicas para explorar o potencial desses artefatos e valer-se da interatividade e desejo que os estudantes têm pela navegação nas redes para ressignificar os modos de atuação.

Mesmo com os desafios estruturais das instituições de ensino, o contexto atual exige que a escola “eduque para os usos mais democráticos das tecnologias e para a participação mais consciente na cultura digital” (BRASIL, 2018, p. 61), com o intuito de formar cidadãos capazes de participar das diversas formas e práticas sociais. Portanto, *Tecnologias digitais, WhatsApp e leitura escrita: olhares plurais* se justifica por dois fatores que se correlacionam: urgência de discutir outros modos de atuação em um espaço situado e importância de integrar as tecnologias digitais à prática pedagógica no cotidiano do estudo, quiçá, em outros espaços.

Design metodológico: entre trilhas e métodos

O interesse dos estudantes pelo uso do celular para navegar no *Whatsapp* é o ponto nodal para integração deste aplicativo à prática pedagógica com os estudantes do 5º ano³ do Ensino Fundamental – anos iniciais. Para desenvolver práticas de leitura escrita no espaço digital do *WhatsApp* foi necessário partir da concepção de que este aplicativo pode contribuir para ressignificar a ação docente, pois este espaço colaborativo de aprendizagem (ALVES; PORTO, 2019) se constitui como um ambiente de circulação de múltiplas linguagens, o que favorece a um ensino na perspectiva dos multiletramentos.

O estudo se constitui como pesquisa qualitativa-colaborativa porque “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21), além de ser permeado pelo pensar, interpretar, agir e partilhar concepções com outrem, contribuindo para o processo de ação-reflexão-ação – tríade da pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008). Oportunizar a reflexão crítica dos estudantes, no

³ Os interlocutores (estudantes) estudam em uma escola da Rede Pública de Ensino de Monte Santo Bahia.

espaço digital do *WhatsApp*, sobre diversos aspectos socioeconômicos da comunidade se caracteriza como trabalho pedagógico alicerçado na prática situada para alcançar a prática transformada – pilares da Pedagogia dos Multiletramentos.

Sob as bases desta perspectiva epistemológica, o estudo foi inspirado nos princípios da netnografia – forma adaptada da etnografia para estudar realidades e sujeitos em ambientes digitais, em fóruns de discussão, videoconferências, aplicativos colaborativos, blogs, redes sociais, entre outros (KOZINETS, 2014). Na prática, a netnografia é um aporte metodológico de pesquisa que se debruça sobre as culturas presentes na *internet*, que utiliza os processos interpretativos para analisar práticas interativas e demais elementos na cultura digital.

Para consecução do estudo, foi necessário criar um grupo no *WhatsApp*, intitulado de Alunos – São Pedro, no qual foram adicionados os 13 estudantes do 5º ano que dispunham de celular e acessavam o aplicativo no espaço escolar com frequência. De agosto a novembro de 2019 os estudantes foram indagados acerca de aspectos socioeconômicos e educacionais da localidade, levando-os a observar de forma crítica a realidade sociocultural da comunidade. O grupo no *WhatsApp* se caracterizou como itinerário crucial da pesquisa, pois a atuação na direção da unidade escolar propiciou ir além dos muros da escola e subverter a preocupação com a matriz curricular.

A opção pelo *locus* da pesquisa – Escola Municipal São Pedro – se deu pela imersão na escola como gestor escolar. Essa escola localiza-se na zona rural do município de Monte Santo Bahia e atende um público (Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais) oriundo de famílias de baixa renda, cujos pais, em sua maioria, recebem benefícios sociais do governo federal. As questões estruturais da comunidade local e da escola foram as bases para as discussões propostas e realizadas com os estudantes no grupo do *WhatsApp*.

O *corpus* para análise e interpretação foi produzido a partir de capturas de tela das respostas dos estudantes no grupo do *WhatsApp*. Ao categorizar o material, processo que envolve a formação de elementos e conjuntos que possuem algo em comum (MORAES; GALIAZZI, 2016), foram escolhidas apenas três capturas de tela⁴, consideradas relevantes para o alcance do objetivo proposto. A análise das produções dos estudantes pôs em evidência que a proposição de atividades de leituraescrita no espaço digital do *WhatsApp* pode se configurar como estratégia pedagógica que contribui para alfabetizar-letrando.

⁴ Respeitando os princípios éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, as imagens compartilhadas no grupo e os nomes ou contatos dos sujeitos são mantidos em sigilo.

Tecnologias digitais, letramentos e multiletramentos: conexões necessárias

Ao debater o uso das tecnologias digitais nos processos de ensino e de aprendizagem, surge a necessidade de discutir alfabetização, letramentos e multiletramentos; mas, antes de iniciar as reflexões sobre as TD é oportuno traçar um debate sobre letramentos e multiletramentos. Para Soares (2001, p. 18), alfabetização é a ação de ensinar e aprender a ler e a escrever, enquanto que letramento “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Sob esse entendimento, o letramento diz respeito à compreensão dos significados e usos sociais da leitura e da escrita em diferentes situações comunicativas.

É oportuno frisar que, mesmo com a expansão e divulgação de diversos estudos sobre o tema, ainda há dificuldade para diferenciar alfabetização de letramento. Essa distinção é feita por Soares (2001, 31-39) ao advertir que “alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”, é “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. Os termos são indissociáveis e uma pessoa pode ser letrada sem ser alfabetizada; do mesmo modo, pode ser alfabetizada sem ser letrada. Há especificidades em cada conceito, mas é essencial que o ensino dos códigos seja realizado a partir de situações reais de uso social da leitura e da escrita, ou seja, alfabetizar-letrando.

É mister frisar que as práticas de usos da leitura e da escrita não são exclusivas do cotidiano escolar; elas permeiam todos os espaços sociais, por conseguinte, o letramento não é o mesmo em todos os contextos sociais. Por essa razão, o letramento precisa ser pensado no plural, como letramentos múltiplos que abrangem os escolares e os não-escolares (STREET, 2014). O autor em tela destaca que as práticas de uso da escrita são socioculturais e assumem significados específicos, a depender dos contextos e das situações em que estão inseridos, mas a escola tem priorizado as habilidades de escrita, alheias às práticas sociais, quando deveria privilegiar as práticas de letramentos vinculadas aos aspectos socioculturais dos estudantes.

Ao conceber que os usos da leitura e da escrita acontecem em diversas situações sociais e envolvem sujeitos situados, exigindo diversos letramentos (familiar, tecnológico, religioso, entre outros) que surgem com o desenvolvimento da sociedade, é vital discutir a concepção de letramentos no plural (STREET, 2014) e até mesmo letramentos múltiplos ou multiletramentos (ROJO, 2012b), com vistas a considerar as novas formas de leitura e escrita

inerentes às mídias digitais. Trata-se, portanto, de colocar os estudantes em contato diário com diversos gêneros textuais para que se apropriem da língua escrita com autonomia.

Por este ângulo, a prática pedagógica cuja ênfase é nas técnicas da leitura e da escrita, alheia às práticas sociais, associada ao progresso, à ascensão social, que tem como base o modelo autônomo de letramento, precisa ceder espaço para uma práxis que envolve a interação social e leve em consideração a participação ativa dos estudantes; associada ao contexto sociocultural, cuja apropriação das práticas de leituraescrita se constitui como base para produção, socialização e difusão do conhecimento, uma prática pedagógica alicerçada no modelo ideológico de letramento (STREET, 2014).

Com a diversidade cultural e de linguagens que permeia a sociedade contemporânea é natural que letramentos tão diversificados sejam requeridos, exigindo que a escola repagine as formas de ensinar e aprender. Apresentam-se neste cenário, os multiletramentos que têm exigido novos olhares, novas práticas na esfera educacional e social; surgem para expandir o letramento; para conectar os diferentes cenários multiculturais e mutissemióticos com os textos multimodais que circulam atualmente. Concebendo essa realidade, Rojo (2012b; 2013) apresenta os multiletramentos como multiplicidade e variedade das práticas letradas da nossa sociedade, que faz referência à multiplicidade cultural e semiótica de constituição dos textos.

Por este prisma, alfabetizar-letrando envolve a diversidade de linguagens, culturas e semioses, o que exige colocar os multiletramentos no centro da discussão; pois, alfabetizar-letrando não pode ser desenvolvido senão em uma perspectiva que articule os letramentos globais e os letramentos locais vivenciados pelos estudantes, cabendo à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, mas também as culturas locais (ROJO, 2009). Diante disso, a escola precisa recriar condições para que as culturas locais, populares e de massa tornem-se temáticas valorizadas dentro da escola, potencializando assim, o diálogo multicultural, pois os letramentos são construções sociais situados em diferentes contextos sociais, o que revela a importância de se desenvolver a prática pedagógica partir do contexto de vida dos estudantes.

Ao reconhecer a importância do ensino e da aprendizagem que reconheça e valorize a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica que constitui os textos, Rojo (2012b) assegura que a pedagogia dos multiletramentos envolve quatro características básicas: a prática situada, instrução aberta, enquadramento crítico e prática transformadora. A *prática situada* se refere às práticas que fazem parte do contexto sociocultural dos estudantes, considerando aquilo que já sabem e o que se configura como novo para eles; a *instrução*

aberta é o processo no qual os estudantes se apropriam do conhecimento e analisam as práticas vivenciadas; o *enquadramento crítico* requer criticidade dos estudantes, pois terão que compreender “os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses designs e enunciados” (ROJO, 2012b, p. 30); a *prática transformada* se refere à transformação da realidade, através de ações já previstas ou por interesses e intenções dos estudantes.

Entre os muitos desafios que a escola enfrenta, um deles é o de desenvolver práxis pedagógica que articule os textos impressos com o uso das tecnologias digitais, envolvendo os estudantes em múltiplas práticas de letramentos. Sem dúvidas, a escola precisa se modernizar para acompanhar a evolução das tecnologias e integrar as mídias digitais ao ensino e a aprendizagem. A despeito da urgência da escola se modernizar, Moran (2013, p. 12) explica:

Enquanto a sociedade muda e experimenta desafios mais complexos, a educação formal continua de maneira geral, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático, pouco atraente. Apesar de teorias avançadas, predomina, na prática, uma visão conservadora, repetindo o que está consolidado, o que não oferece risco nem grandes tensões.

Cabe destacar que a integração das TD precisa ser acompanhada de melhora da malha física da escola, equiparação da instituição com dispositivos e acesso à *internet*, formação dos professores e reflexão colaborativa para construir as melhores estratégias para ensinar. Essas ações podem contribuir para a construção de um novo projeto educativo e, por conseguinte, as bases para as mudanças metodológicas e epistemológicas necessárias à educação.

Com o advento e expansão dos artefatos digitais, ler e escrever em ambientes digitais exige outras habilidades para lidar com as diversas linguagens e hipertextos, pois, “se no texto impresso passamos as páginas, no texto digital usamos a barra de rolagem, clicamos em *links*, usamos menus, entre outras formas de navegar pelos textos” (COSCARELLI, 2018, p. 34). Portanto, é necessário que a instituição de ensino esteja aberta para ser invadida por outros modos de interação-comunicação e de construção de conhecimento.

Essa nova era tem promovido significativas mudanças na sociedade. O avanço das tecnologias digitais tem resultado na inserção dos estudantes nessa cultura, não somente como consumidores (BRASIL, 2018), mas o uso das TD com fins pedagógicos ainda é embrionário no ambiente escolar; pouco se explora o protagonismo dos estudantes e a possibilidade de construção colaborativa do conhecimento propiciada pelos artefatos digitais. Na prática, é crucial que a escola estabeleça diálogos, interações e reflexões, no intuito de construir outras trilhas para ensinar e aprender, pois “Com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que

motivem os alunos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir” (MORAN, 2013, p. 31).

É oportuno frisar que “o uso da tecnologia digital vem se solidificando e se destaca como condição necessária para o acesso à informação e para a melhoria do campo da comunicação mundial” (FERREIRA; FRADE, 2010, p. 15). O uso dos artefatos digitais com fins pedagógicos no cotidiano escolar pode contribuir para a ressignificação dos processos de ensino e de aprendizagem, tornando-os mais dinâmicos, interativos e colaborativos, contribuindo para formação de cidadãos críticos, autônomos e protagonistas.

Há que se ressaltar que as tecnologias digitais têm interferido nas relações sociais e comunicativas das pessoas; têm propiciado novas formas de ser, pensar, agir e interagir com o mundo. No meio educacional, esses artefatos digitais podem provocar “a substituição dos livros/cartilhas impressos, do giz e do quadro negro pelo universo midiático implica na substituição da palavra escrita/imagem em suportes convencionais pela imagem escrita que circula no mundo virtual” (FERREIRA; FRADE, 2010, p. 16). Se, a cada dia, os jovens estão conectados, a escola precisa aproveitar-se das TD e integrá-las ao fazer pedagógico.

Para integrar as TD nos processos de ensino e de aprendizagem, levando os estudantes a “compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva [...]” (BRASIL, 2018, p. 65), realizou-se atividades de leitura e escrita, entremeando o uso do celular com o *WhatsApp* – aplicativo que, para Alves e Porto (2019), permite trocar mensagens escritas, de voz, fotos... de forma instantâneas com o auxílio de dispositivos móveis; criar grupos, compartilhar vídeos, arquivos, entre outros.

No contexto sociocultural, o *WhatsApp* é utilizado para troca de mensagens e interação entre as pessoas por meio de diálogos privados ou em grupos de convivência, entretenimento ou estudos. À vista disso, é significativo pensar na utilização do aplicativo como interface para promover práticas de leitura/escrita de forma interativa e colaborativa, com a finalidade de transgredir as paredes da sala de aula e os muros da escola.

Resultados e discussões: entre escritas, concepções e significados

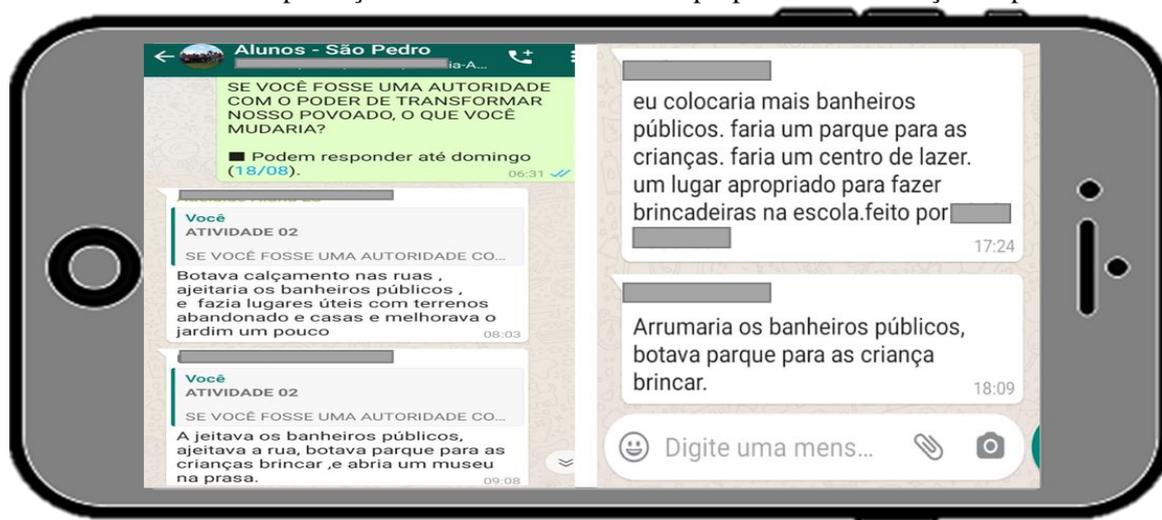
A produção de textos no aplicativo *WhatsApp* foi guiada por questões propostas pelo mediador das discussões no grupo. O foco central, ao provocar os estudantes acerca de aspectos socioeconômicos e socioculturais da localidade, era levá-los a refletir criticamente sobre as questões inerentes ao contexto local e, por conseguinte, apresentar proposições de

melhorias para convivência na comunidade. Os estudantes compartilharam as produções orais e escritas com liberdade e autonomia; apresentaram proposições relevantes para a melhoria das condições sociais do povoado em que vivem e da escola na qual estudam.

O propósito era que cada estudante elaborasse um pequeno texto argumentativo para cada provocação, mas não foi isso que aconteceu. Seja pela novidade da proposta, seja pela dificuldade de concatenar as ideias e elaborar textos, as proposições dos estudantes tomaram um rumo comum dos diálogos no *WhatsApp*: mensagens curtas e objetivas. Mesmo com escritas breves, os estudantes apresentam proposições que denotam um olhar crítico acerca da realidade, como é possível perceber nas figuras constituintes do *corpus* de análise deste texto.

É imperioso destacar que, mesmo o professor sendo a principal tecnologia para propor e mediar os processos de ensino e de aprendizagem, ele precisa assumir-se como permanente aprendiz, como profissional que aprende ao ensinar e ensina ao aprender (FREIRE, 2015). Na prática, o estudo denota proposições críticas apresentadas pelos estudantes e enfatiza que, apesar de todas as tecnologias disponíveis na era digital, a presença e a atuação do professor são fundamentais para desafiar e mediar a construção do conhecimento. A conexão do contexto social com as práticas escolares levou os estudantes a refletir sobre as demandas infraestruturais do povoado e a enunciar as mudanças necessárias, como denota a Figura 1.

FIGURA 1: Reflexões e produções dos estudantes sobre as propostas de mudanças no povoado.



Fonte: arquivos do autor.

Analisando essa captura de tela é possível perceber a realidade social do povoado e a carência de ações do poder público. Quando sugerem pavimentação de ruas e o conserto dos banheiros públicos, os estudantes denotam preocupação com aspectos infraestruturais que podem melhorar as condições de vida da população. Ademais, ao propor a construção de um

parque (ou até um museu) e de um lugar apropriado para as brincadeiras da escola, os estudantes também demonstram preocupação com o lazer e bem-estar da população.

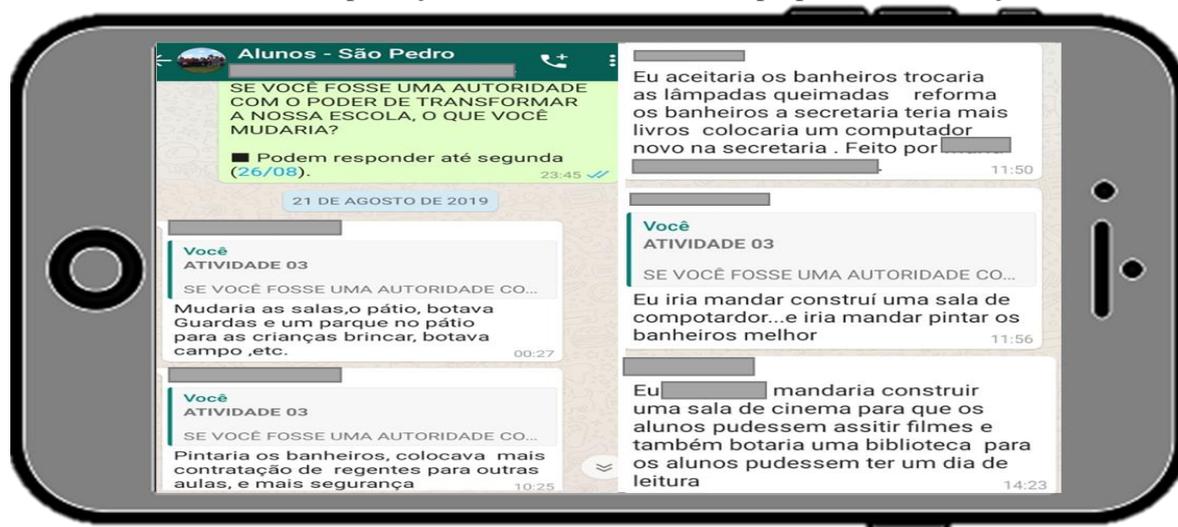
A rigor, essa captura de tela demonstra que os artefatos digitais são aliados para a promoção de uma educação problematizadora (FREIRE, 2013), pois possibilitam diálogos, interações e reflexões a partir da realidade. É possível inferir, ainda, que a prática pedagógica, quando originária da prática situada e perpassa a instrução aberta e o enquadramento crítico, atinge a prática transformada, contribuindo para a formação de estudantes analistas críticos, criadores de sentidos e transformadores da realidade (ROJO, 2012b).

A análise da Figura 1 reforça a relevância de se buscar novas saídas para os processos de ensino e de aprendizagem e denota o quão é necessário integrar as tecnologias digitais às práticas diárias, com vistas a congregar alfabetização, letramentos e multiletramentos, isto é, alfabetizar-multiletrando. Para tanto, Moran (2013) frisa que o papel fundante do professor é atuar como mediador competente e confiável entre o que a instituição propõe para cada etapa e o que os estudantes ambicionam e realizam. Ademais, “uma boa escola depende também de um projeto inovador, onde a internet – e os aplicativos e plataformas digitais – esteja inserida como um importante componente metodológico” (MORAN, 2013, p. 27, grifo nosso).

No âmbito dessa discussão e ainda citando Moran (2013, p. 11), é oportuno enfatizar que “o avanço do mundo digital traz inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo em que deixa perplexas as instituições sobre o que manter, o que alterar, o que adotar [...] É possível ensinar e aprender de muitas formas, inclusive do modo convencional”. Neste movimento é crucial entender que o conhecimento transpassa os muros da escola e que há múltiplas formas de ensinar e aprender, cabendo à instituição de ensino, por intermédio do corpo docente, discutir e construir os caminhos mais interativos e significativos para os estudantes.

Outra atividade proposta foi a discussão sobre a infraestrutura da escola. Como ilustra a Figura 2, para os estudantes, há aspectos que precisam ser consertados e/ou construídos.

FIGURA 2: Reflexões e produções dos estudantes sobre as propostas de mudanças na escola.



Fonte: arquivos do autor.

Ao considerar as especificidades da unidade escolar, os estudantes marcam os aspectos infraestruturais que precisam de manutenção ou reestruturação. Os diálogos e proposições dos estudantes no espaço digital do *WhatsApp* demonstram que a escola pode possibilitar-lhes participação em várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita, de maneira ética, crítica e democrática (ROJO, 2009). Sem dúvidas, a ampliação do acervo literário, sala de computação e construção de sala de cinema, são proposições que chamam atenção pela relevância que têm para a amplitude cultural e, sobretudo, para o ensino e a aprendizagem.

Ao propor a construção de ‘uma sala de cinema’ o estudante propõe um espaço inovador no ambiente escolar. Assistir um filme no cinema é um privilégio de poucos, sobretudo, no sertão da Bahia, onde a maioria da população conhece o cinema pela televisão. Decerto que é difícil para a escola atenuar essas lacunas, bem como manter uma biblioteca com acervo literário diversificado em pequenas comunidades rurais, mas é preciso “acreditar que a escola pode ser diferente, divertida, que ela não é o lugar das informações prontas, nem das verdades absolutas. Ela é o lugar de construir, questionar, pensar, enfim, colocar em prática a velha história de aprender a aprender (COSCARELLI, 2017, p. 39).

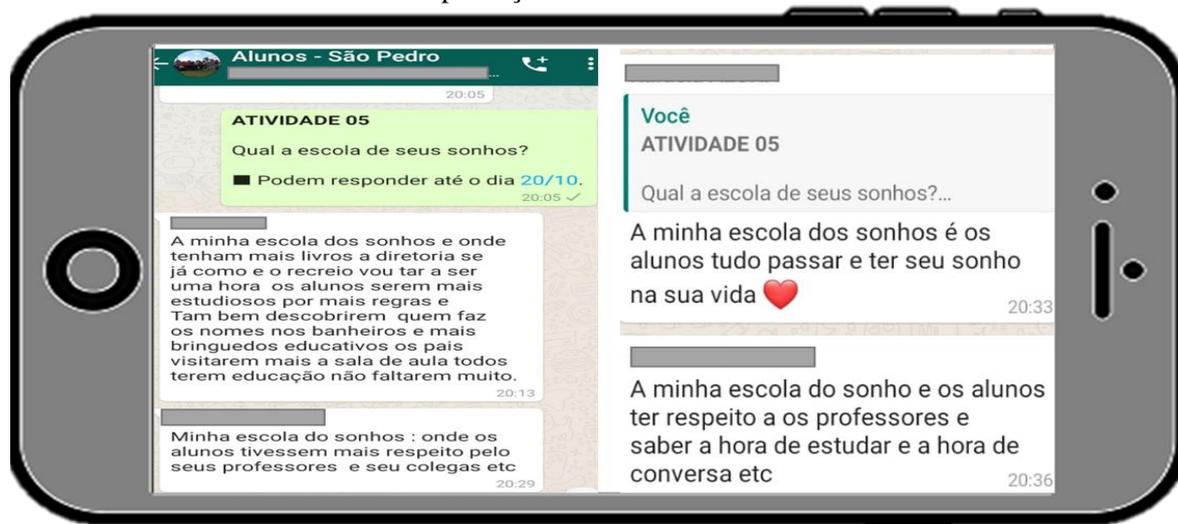
Sem dúvidas, a escola precisa reconfigurar os modos de ensinar e aprender; investir em práticas que promovam a autonomia e o protagonismo dos estudantes, cuja investigação e a problematização da realidade sociocultural possam prover as reflexões e proporcionar a aprendizagem colaborativa. A utilização do *WhatsApp* viabilizou a produção escrita dos estudantes. Essas escritas ratificam que a prática pedagógica alicerçada em temas geradores

(FREIRE, 2013), mediada pelas tecnologias digitais e desenvolvida a partir dos pilares da pedagogia dos multiletramentos contribui para desenvolver a criticidade dos estudantes.

Decerto, “A chegada das tecnologias móveis à sala de aula traz tensões, novas possibilidades e grandes desafios” (MORAN, 2013, p. 30), o que exige estudos sobre as potencialidades das tecnologias digitais para uso ético, crítico e democrático na escola e fora dela. As TD podem ser de grande valia para os processos de ensino e de aprendizagem por propiciar outros modos de ensinar e aprender, mas a integração desses artefatos exige conhecimento teórico-prático do professor e mudança epistemológica no quefazer docente.

A discussão sobre a escola dos sonhos é a última atividade categorizada para análise neste texto. Como se vê na Figura 3, os estudantes se reportam a situações que vivenciam na própria escola: desinteresse, falta de acompanhamento dos pais, entre outros.

FIGURA 3: Reflexões e produções dos estudantes sobre a escola dos sonhos.



Fonte: arquivos do autor.

Ao ambicionarem uma escola em que os estudantes sejam mais estudiosos e respeitem os professores e colegas, os estudantes chamam atenção para um problema crônico na instituição de ensino: estudantes desinteressados e sem limites no ambiente escolar. É claro que há exceções, mas o desinteresse pelos estudos e o desrespeito dos jovens-estudantes para com os docentes são desafios que a escola precisa superar. A escola dos sonhos é aquela que desenvolve uma educação de qualidade social, que valoriza e reconhece a diversidade cultural e de linguagem, que conecta o ensino com os problemas da vida dos estudantes, que ensina a aprender e, sobretudo, que contribui para a realização de sonhos, como insinuou o estudante.

As manifestações dos estudantes, explícitas nas capturas de tela, aqui analisadas, mostram um olhar crítico perante a realidade que os cerca. A partir do contexto sociocultural

dos estudantes, a prática pedagógica, mediada pelas tecnologias digitais, partiu da prática situada e promoveu a mudança social, isto é, “uma prática transformada” (ROJO, 2012b, p. 30). É possível perceber que a formação de leitores críticos e produtores de sentido não é tarefa fácil; mas, em meio a tantos artefatos digitais que estão nas mãos dos estudantes e possibilitam novas formas de ensinar e aprender, é urgente que a escola ressignifiquem seus modos de atuação, pois “já passou da hora de fazer a revolução na educação” (COSCARELLI, 2017, p. 31).

É oportuno frisar que integrar as tecnologias digitais ao fazer pedagógico oportuniza ultrapassar as paredes da sala e da escola ao propiciar interação, conectividade, comunicação, autoria e produção colaborativa em outros espaços; porém, como adverte Kenski (2012), mais importante do que as tecnologias e os procedimentos pedagógicos modernos, é a capacidade de adequação do processo educacional aos objetivos que levam os estudantes ao desafio de aprender e construir conhecimento. Por isso, a integração das TD precisa ser fundamentada numa práxis comprometida com a qualidade social da educação e com a formação cidadã.

Portanto, pensar na integração dos recursos digitais ao fazer pedagógico exige refletir sobre as práticas (in)visíveis na escola e criar uma cultura educativa permeada pela conexão, interação, reflexão e colaboração. Para isso, é preciso que professores e estudantes concebam que “o avanço tecnológico é intenso e contínuo, os usuários das redes precisam estar abertos para as inovações, em estado de permanente aprendizagem” (KENSKI, 2012, p. 36), e que a *internet* e as tecnologias digitais interferem nos modos de interação-comunicação, de leitura, de escrita e, sobretudo, na produção do conhecimento, constituindo-se em fazer humano.

Essas possibilidades desvelam caminhos (in)visíveis de produção do conhecimento e descortinam outras formas de atuação, pois “Desde que as tecnologias de comunicação e informação começaram a se expandir pela sociedade, aconteceram muitas mudanças nas maneiras de ensinar e aprender” (KENSKI, 2012, p. 85). Empiricamente o estudo em questão aponta para a importância de pensar e desconstruir a ideia do uso instrumental das tecnologias digitais, na perspectiva de promover um ensino que provoque maior reflexão, interatividade, debate e produção colaborativa em múltiplas linguagens e interfaces.

O propósito não é afirmar que as tecnologias digitais ou o *WhatsApp* são as soluções mágicas para o ensino e a aprendizagem, mas os resultados indicam que as propiciações das tecnologias digitais provocam interação e aprendizagem em um espaço cujos estudantes transitam diariamente. Sabendo da importância do professor para o processo de planejamento e mediação pedagógica, o intuito não é fazer apologia a um quadro teórico ou a uma prática,

nem a invenção de uma estratégia didático-pedagógica infalível; mas, é possível afirmar a escola precisa desenvolver práxis que interseccionem o trabalho com textos impressos com as possibilidades de produção que surgem com as tecnologias digitais e criam novas práticas sociais de leituraescrita.

Considerações finais

As tecnologias digitais propiciam romper os limites de espaço-tempo e o *WhatsApp* pode se constituir como grande aliado do professor para ressignificar os processos de ensino e de aprendizagem da leituraescrita. Pensar no uso pedagógico das tecnologias digitais requer um olhar multidimensional para as novas formas de interação-comunicação que permeiam a sociedade atual, exigindo que o professor atue como mediador do conhecimento e reconheça os estudantes como protagonistas da aprendizagem. Como foi possível perceber nas análises e reflexões traçadas, as tecnologias digitais – e o *WhatsApp* – propiciam novas formas de leituraescrita e oportunizam a aprendizagem interativa, crítica e colaborativa.

As capturas de telas, analisadas neste texto, indicam que os estudantes realizaram, por meio do *WhatsApp*, atividades de leituraescrita a partir de problemas reais que exigiram olhar por outros ângulos. A prática pedagógica mediada pelos artefatos digitais coloca os estudantes como protagonistas, propicia o trabalho em grupo e a aprendizagem colaborativa. O uso do *WhatsApp*, com fins pedagógicos, rompe com limites de espaço-tempo e transforma os modos de ensinar e aprender, constituindo como pilar para o professor trabalhar a leituraescrita na perspectiva dos multiletramentos; para transgredir a tendências pedagógicas que ocultam os aspectos socioculturais, na perspectiva de promover uma educação problematizadora.

Ao entretecer as leituras teóricas com os dados do campo empírico é possível afirmar que o ensino da leitura e da escrita precisa combinar textos impressos e digitais. Ademais, se a escola abraçar outras práticas sociais, valorizadas ou não, e trabalhar com a multiplicidade cultural e semiótica dos textos, propiciando ao estudante dialogar, refletir e posicionar-se de forma crítica, estará contribuindo para a formação de sujeitos críticos e criadores de sentidos.

Os episódios do campo empírico mostram que as contribuições do *WhatsApp* à prática pedagógica para promoção da leituraescrita reside na interatividade, conexão, colaboração e propiciações para o trabalho pedagógico com a linguagem verbal e não verbal a partir das situações socioculturais dos estudantes. Apontam, ainda, que a integração das tecnologias digitais à prática pedagógica precisa acontecer de forma responsiva, a fim de provocar

mudanças metodológicas e epistemológicas, evitando que velhas metodologias sejam reproduzidas com novas tecnologias.

Por fim, o desejo é que as reflexões traçadas neste texto sirvam como janelas abertas, nas quais os professores da Educação Básica possam repousar os braços, olhar o horizonte e repensar em outros caminhos para alfabetizar-letRANDo na cultura digital. Testemunho da realidade situada e dos contributos dos artefatos digitais ao fazer pedagógico, ainda há espaço para uma extrema reflexão: a escola que deseja ressignificar os modos de ensinar e aprender, e busca entretecer a aprendizagem escolar com o mundo de vida dos estudantes não pode abster-se de mergulhar nas múltiplas possibilidades pedagógicas das tecnologias digitais.

Referências

ALVES, André Luiz; PORTO, Cristiane Magalhães. **WhatsAula**: aprendizagem colaborativa em movimento. João Pessoa: editora UFPB, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. MEC/SEB. Brasília, 2018.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica Editora, 2017, p. 25-40.

- COSCARELLI, Carla Viana. Perspectivas culturais de uso de tecnologias digitais e a educação. **Revista Brasileira de Alfabetização** – ABAIf. | Belo Horizonte, MG | v.1 | n.8 | p. 33-56 | jul./dez. 2018.
- FERREIRA, Márcia Helena Mesquita; FRADE, Isabel Cristina Alves S. Alfabetização e letramento em contextos digitais: pressupostos de avaliação aplicados ao software HagáQuê. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (Orgs.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Periópolis, 2010. p. 15-27
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Liber Livros, 2008.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF BRASIL 2018: resultados preliminares**. São Paulo, 2018.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-62.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LIMA, Mariana Batista de; DE GRANDE, Paula Bacarat. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: ROJO Roxane (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 37-58.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-30.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas metodologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-72.
- PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Educação na era digital: a escola educativa**. Tradução: Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane. Gênero discursivo do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO Roxane (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.
- ROJO, Roxane. Apresentação: protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012a. p. 07-09.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012b. p. 11-32.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STREET, Brian. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.